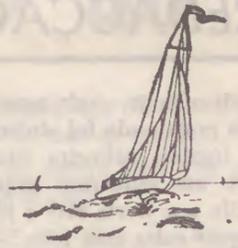


JORNAL DE ESPOSENDE

mensário informativo e regionalista



"Jornal de Esposende"

Fundado por um Grupo de Esposendenses

Director e Proprietário:
Armando Marques Henriques

Redacção-Administração (próvisória)
Rua Conde de Castro, 3/1.º-E
ESPOSENDE

Composição e impressão
Editora Poveira, L.da
R. Manuel Silva/Póvoa de Varzim

Preço: 15\$00

Flash do mês

TER OU NÃO TER TURISMO

A propósito do Plano de Actividades o assunto foi ventilado na Assembleia Municipal. Para uns turismo é Ofir e o resto é paisagem, para outros turismo é o que 'sempre se esqueceu e Ofir a propaganda no estrangeiro, mas também há quem pense noutra hipótese que leva à inactividade pura e simples, à renúncia das nossas características próprias. Para estes o dinheiro disponível é o factor principal e possível alavanca promotora, se o houver em quantidades desafogadas, habituados que estamos, nós portugueses, há uns anos a esta parte, a esbanjar e não a procurar solucionar.

Parece que só com dinheiro se consegue dinamizar um sector importante.

E, entretanto, os Ranchos Folclóricos do concelho praticamente não existem, as Bandas de Música estão reduzidas à sua expressão mais simples, a Etnografia concelhia continua adormecida.

A importação de modelos não nos serve. Temos que possuir o mínimo para não sermos totalmente absorvidos, se não o fomos já. Somos um concelho, cujo povo desde sempre se habituou a mandar no que temos.

Quanto a turismo é preciso começar de novo e sair do marasmo que o sector sempre teve. Ofir é Ofir e continuará a sê-lo numa perspectiva internacional mas esquecer as restantes potencialidades do concelho é utópico.

Em termos de conclusão: ter turismo ou não ter turismo eis a questão. A opção não parece difícil a menos que queiramos transformar a utopia num servilismo às potencialidades desenvolvidas pelos outros e apenas apoiadas por nós.

F. M.

Água mais cara

POR DELIBERAÇÃO DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

O concelho de Esposende terá em vigor, brevemente, os preços da água, taxas e licenças mais caras, por deliberação da Assembleia Municipal.

A proposta foi apresentada pela Câmara Municipal e mereceu amplo e aceso debate, tendo proporcionado o confronto entre partidos que se integram na Aliança Democrática.

Numa agenda bastante carregada, o projecto de regimento ficou por discutir por falta do documento base e para confronto com o actual, aprovado na primeira Assembleia Municipal, de 1977. A comissão encarregada do estudo, na opinião do Presidente da Mesa, falhou a missão, sendo prorrogado o prazo para a reunião seguinte.

Procedeu-se à eleição do representante concelhio à Assembleia Distrital, tendo a maioria eleito o presidente da Junta de Freguesia de Gandra, substituindo assim, Fernando Cepa, da Junta de Mar.

Os vogais presentes, discutiram o novo regulamento de abastecimento de água e respectiva tabela de preços.

A discussão prolongou-se, ca-

da uma das facções apresentou argumentos considerados de interesse para a população, e, num dirigismo impressionante, a maioria dos vogais (já «baptizada» de maioria silenciosa), desprezou as razões invocadas e aprovou por 70% dos votos expressos, o agravamento dos preços da água.

Fazendo uma análise superficial sobre o assunto, diremos apenas que, a média ponderada, cifra-se em 8\$00 o metro cúbico. Se o preço era único, a 3\$00 e sem escalões, poder-se-á avaliar a exorbitância para os consumidores médios deste concelho. Por outro lado, é uma forma psicológica (ou demagógica) de agravamento. O sistema de escalões não beneficia os pequenos mas, provavelmente, os grandes consumidores, sobretudo aqueles que regam (abundantemente) a relva viçosa dos vistosos jardins das vivendas.

A Câmara Municipal justifica os aumentos com dados económicos: receita de 110 contos e despesa de 200 mensais com exploração da água. Não haverá, como se afirmou, sub-aproveitamento da mão de obra?

Outro dos assuntos abordados

foi o regulamento do mercado e as taxas de utilização. Em princípio, como afirmaria o Presidente da Mesa, a proposta era aprovada ou rejeitada. Contudo, a proposta foi aprovada com emendas. Tal facto, mereceu contestação dos representantes de outros partidos de «oposição» que ditaram declarações políticas. Para o PSD, «não foram salvaguardados os interesses dos pequenos agricultores do concelho» e para a APU, «sintoma de carestia na mudança». E a maioria (a tal silenciosa), aprovou.

A tabela de taxas para licenciamento de obras particulares, que atinge alguns casos os 300% de aumento, também foi aprovada pelo mesmo número de votos.

(continua na 2.ª página)

Hora de Verão

Após as 0 horas, na madrugada de 6 de Abril, os relógios deverão ser adiantados 60 minutos, entrando assim na Hora de Verão.

«ESPOSENDE... DE RELANCE»

FAZ 25 ANOS

Neste mês de Abril, no dia 24, à noite, completam-se os 25 anos sobre a estreia da revista que apaixonou Esposende e a juventude daquela época.

As recordações são muitas e doces. Quem não se lembra desse período áureo em que a nossa juventude mostrou quanto valia?

Nas breves palavras trocadas com alguns dos «artistas» que tão bem representaram, é legítima a preocupação pelo marasmo em que se vive, sem qualquer actividade cultural que prenda a nossa gente, reúna boas vontades, acamarade para se viver numa sociedade melhor.

Pois, a ideia de se comemorar o acontecimento que absorveu as atenções de tantos esposendenses, começa a tomar forma. Alguns dos contactados estão na disposição de promoverem uma gigantesca reunião com todos os participantes na revista e, quem sabe, representar alguns trechos para matar saudades.

Os nomes dos participantes são muitos. Todos merecem a ci-

(continua na 2.ª página)

SEMANA SANTA em Esposende

A FÉ E A RELIGIOSIDADE NUMA TRADIÇÃO SECULAR



A realização das solenidades da Semana Santa, pela sua rotina, anualmente, vai perdendo no mesmo ritmo todo o seu valor penitencial e muitas das suas características próprias.

Apenas o aspecto pontual é tido em consideração na elaboração do programa esquecendo-se que o motivo da sua realização — a Morte de Cristo — merecia jornadas de meditação sobre as profundas implicações que a mesma tem para uma comunidade cristã.

Sendo um período de intenso luto muito pouco ou mesmo nada nos leva a pensar que esse tempo significa a comemoração e reconstrução dos últimos dias da vida de Jesus.

Talvez por tudo isto as noites de Quinta e Sexta-Feira Santa sejam as mais barulhentas do ano, onde a falta de respeito dos fiéis que se distribuem ao longo das ruas da vila é uma antítese da participação que se pretende e do silêncio que devia acompanhar as procissões.

Fiquemos por aqui e noutra oportunidade analisaremos melhor a Semana Santa de Esposende

Vamos procurar que esta tradição tenha, afinal, as manifestações sociais, culturais e religiosas, se possível for, a começar por este ano, cujo programa publicamos:

QUARTA-FEIRA SANTA

As 21,30 horas, Procissão de Velas, com Nossa Senhora da Soledade, da sua capela para a Matriz. Durante o percurso terá lugar uma Via-Sacra Dolorosa, que terá complemento nos templos da Misericórdia, Capela do Senhor dos Aflitos e Capela de S. João Baptista, sendo as últimas estações meditadas na Igreja Matriz.

QUINTA-FEIRA SANTA

As 17 horas—Laudes Solenes, Missa Vespertina, em Celebração da Ceia do Senhor e Liturgia de Vésperas. Adoração do SS. Sacramento até às 21 horas.

As 21,30 horas—Sairá da Misericórdia para a Matriz a Procissão do Encontro, com sermão, que terá lugar no Largo Rodrigues Sampaio. Em seguida, a Procissão percorrerá as principais ruas da Vila, recolhendo no-

vamente à Matriz, seguindo-se o Sermão do Calvário.

SEXTA-FEIRA SANTA

As 15,30 horas, Solene Celebração da Paixão do Senhor, constituída pelo Canto da Paixão, Adoração da Cruz e Eucaristia.

As 21,30 horas—Sairá da Misericórdia para a Matriz a Procissão com o andor de Nossa Senhora da Piedade, seguida de sermão e Solene Procissão do Entero de Cristo. Nos lugares do costume, serão cantados responsórios pelo Crupo Coral desta Vila. Haverá o Sermão da Soledade, pelo mesmo orador, ao recolher da Procissão.

SÁBADO SANTO

As 23 horas—Vigília Pascal, constando das Liturgias da Luz, da Palavra, do Baptismo e da Eucaristia.

DOMINGO DA RESSURREIÇÃO

As 8,30 horas—Missa Paroquial, celebrada na Matriz.

As 9 horas—princípios a Visitação Pascal, que será interrompida às 12 horas para celebração da Missa. A visita recomeça às 14 h.

Cartas A REDACÇÃO

Os jardins que temos

O diálogo com o leitor é necessário e tem sempre interesse. É que, nem todos os assuntos podem ser abordados e quaisquer sugestões e problemas, serão de considerar, quando postos com espírito construtivo. É o caso. Os jardins que temos, são tema dum nosso assinante e leitor, que na carta dirigida à redacção, diz em certa altura: «...no aspecto de jardinagem, quase nula em toda a vila... parece que a Câmara não tem um «almeidinha» em condições para dar um toque de subtilidade a tantas zonas que próprias para o efeito estão completamente abandonadas...».

Mais adiante: «toda aquela zona da praia onde foi «injectada» uma lúgrube palmeira (simplesmente um asqueroso esqueleto daquilo que devia ser) e plantar qualquer coisa com jeito...».

A finalizar, depois de várias outras considerações, afirma: «o jornal é a espada da palavra e todos temos o direito de expôr aquilo que pensamos e aquilo que vai menos bem».

Registamos o reparo confiados que terá a solução desejada. De resto, com a entrada da Primavera, o tema vem mesmo a propósito. E, já agora, a praia será para continuar, naquele estado de abandono?

Água mais cara

(continuação da 1.ª página)

A inflação tende a baixar para os 20%. Com preços agora aprovados na Assembleia Municipal, embora diminutos no contexto do país, são bem significativos.

O PSD requereu interrogar o Presidente da Câmara sobre assuntos que considerava de interesse para o concelho, mas a maioria rejeitou. Lá sabem porquê...

A tabela dos preços da água passa a ser a seguinte:

1.º escalão: até 5 metros cúbicos—5\$00; 2.º escalão: 6 a 15 m³—8\$00; 3.º escalão: 16 a 25 m³—10\$00; 4.º escalão: mais de 25 m³—12\$00.

Jornal de Esposende em Colóquio da Imprensa Regional

Promovida por Águas Carvalhos, SARL, através do Departamento Comercial, realizou-se, em Viana do Castelo, um colóquio entre órgãos da Imprensa Regional.

Compareceu um reduzido número de representantes, o suficiente, no entanto, para serem discutidos e afluídos muitos dos problemas que afligem a Imprensa Regional. Destaque-se, a publicidade e os preços praticados, anúncios e publicações de índole judicial, custos de impressão e o papel, cobranças e assinatu-

ras, periodicidade, tiragens e subsídios estatais.

Muito proveitosa a troca de impressões, mereceu especial relevo o papel desempenhado em defesa das populações que representa e, bem assim, a acção a desenvolver contra as prepotências, abusos e atropelos que, porventura, se venham a exercer para bem de alguns (poucos) e o mal de muitos outros.

A matéria é inesgotável e seria tema de amplos debates, sobretudo, se tivésemos em consideração a falta de apoio à Imprensa Regional que vai resistindo, apesar de tudo, graças à carolice e dedicação de reduzido número de cidadãos.

Plano de Actividades da Câmara

Cerca de 78 mil contos, são os investimentos previstos no Plano Municipal para 1980.

Aprovado em Assembleia Municipal, o documento mereceu leituras políticas da parte do PSD e da APU.

No próximo número daremos notícia mais detalhada, com análises e comentários a propósito.

«Esposende...de relance»

(Conclusão da primeira página)

tação nestas colunas. Porém, convenhamos, gastaríamos a página só para lembrar todos esses jovens (querias?)... Mas, Barca do Lago, a Variante, Rodrigues Sampaio, a «Ervirinha», o Pescador Desportivo e o deslumbrante quadro «Ninfas do Cávado» são irresistíveis.

Tudo isto merece uma comemoração condigna. Mãos à obra? «Jornal de Esposende» está ao vosso dispor e aceita colaborar.

Falecimento

No passado dia 21, faleceu na Foz do Douro, a Sra. D. Maria Alice Porfirio Evangelista Vasconcelos, funcionária aposentada dos CTT, esposa do Sr. Eduardo M. Lima Vasconcelos, e irmã da Sra. D. Maria Ondina P. Evangelista, todos naturais de Esposende e descendentes de antigas famílias desta vila. Ao nosso prezado assinante sr. Eduardo Vasconcelos e a todos as suas famílias apresentamos sentidos pésames.

com novas instalações SUPERMERCADO JAJU

Visite-nos na Avenida Valentim Ribeiro (a 50 metros das antigas instalações)

A mesma tradição
A economia de sempre

Telefone 89183

ESPOSENDE

CARNES VERDES
SECÇÃO ESPECIAL DE TALHO

FILIAL EM OFIR / FÃO — NA TORRE B

Câmara Municipal do Concelho de Esposende

EDITAL

Venda de lotes de terreno para construção, na zona de expansão e sudeste da Vila de Esposende

Alexandre Domingos Losa Faria, Engenheiro Electrotécnico e Presidente da Câmara Municipal do concelho de Esposende:

FAZ SABER que, de harmonia com a deliberação da Câmara Municipal, tomada em sua reunião de 25 do corrente, se procederá à venda em HASTA PÚBLICA de lotes de terreno para construção, na Zona de Expansão a Sudeste da vila de Esposende que está a ser dotada de todas as infraestruturas indispensáveis (arruamentos, água domiciliária, rede de esgotos, abastecimento de energia e iluminação pública).

A hasta pública terá lugar no edifício onde funcionam, actualmente, os serviços municipais,

sito na Rua Dr. Trigo de Negreiros, desta vila, pelas 15 horas do próximo dia 3 do mês de Abril. Os lotes a vender são os seguintes:

—Lotes n.os 19, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 58 e 60 (inclusivé) a 71 (inclusivé).

A venda destes lotes de terreno regula-se pelas condições especiais estabelecidas e aprovadas pela Câmara Municipal, em sua reunião de 31 de Julho do ano findo, e encontram-se patentes ao público na Secretaria da mesma Câmara, de segunda a sexta-feira, durante as horas normais de expediente.

Para constar se publica este edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Esposende, 26 de Março de 1980.

O Presidente da Câmara,
(Alexandre Domingos Losa Faria, Eng.º)

João Maria S. Nunes da Silva

Técnico de Contas inscrito na D. G. C. I.

ACEITA ESCRITAS DOS GRUPOS A e B

Telefone 89874

ESPOSENDE

Duas comadres coscuvilheiras, um «senhor» sacristão e um «S. Pedro» pauleador...

(continuação da 4.ª página)

—Já sei: uns docinhos e...
—Que quê! Uma ceia e bem regada... Dou a minha galinha pedrês, p'ra assar.
—Pedrês... nem a comas, nem a dês! É ditado velho.
—O somítica! Olha que é p'ro Senhor!...Dou a galinha e um chourição...

A coisa ficou combinada. Mas o compadre da «manga larga» ouviu a conversa sem que as duas dessem por isso:

—Os temperos p'ra ceia... dou-os eu...

O gabirú do sacrista, mal cerrou a noite, entrajou-se com a alva velha do reitor, barbas de rabo de boi, e um amíco pela cabeça, e, «ao toque de almas», pela velha cangosta, dirigiu-se para a casa da Maria Cacarelha. Que rico cheiro a assados e a filhós, vinha ao seu encontro!... Ia regalar-se! O grande calhor das bateu à porta, muito de leve, como seria de esperar de «visi-

ta celestial»; e com voz inda mais açucarada, que a ouvida na igreja, suplicou:

—Sou eu! a tua visita: abre!

Já lá estava a do Caipau, no lidairo da cozinha, e ansiosa por ver e apalpar o «Senhor»... As duas acudiram, pléticas de curiosidade, e vaidosas de honraria.

Mal a porta foi aberta, caíram de joelhos, aos pés do visitante, a beijar a fímbria da velha alva, e os sapatos de fivela do... reitor!

As duas mulheres estavam em êxtase, quando, de novo, se ouviu bater à porta... mas desta vez com violência:

—Truz! truz! truz!...

Ficaram perplexas, sem atinar com o que haviam de fazer. Mas a do Caipau mais animosa, ergueu-se e correu para a porta, a perguntar:

—Quem é?

De fora, uma voz desconhecida, que parecia eco de trovão, respondeu:

—Abre! Sou o «S. Pedro», a cata do... «Senhor»...

—Eh! não abras!—suplicou, a tremer, o fingido «Senhor».

Mas a Zefa ponderou:

—Ó meu rico Senhor! Então não hei-de abrir a porta a S. Pedro—porteiro do céu—para ma abrir, a mim, quando for a minha vez?!

E sem esperar atalho, nem vençilo—zaz!—abriu a porta. E logo o «S. Pedro», de grandes barbas subtraídas à cauda da vaca pisca, entrou de roldão: vinha embrulhado em velho gabão, a cinta cingida por grosso calabrote, e de marmeiro empunhado...

E foi ali tudo raso com pancadaria! As mulheres, já tosadas, qua abonde, berregavam—à del-reil acudam!

—Acudam, que S. Pedro mata o «Senhor»!

Mas a casa da Cacarelha, era um deslido do lugar, e ninguém acudia aos berregos e o pobre do «Senhor», com a cabeça escaqueirada, feito Cristo—desta vez sem

querer!—tanto era o sangue, a escorrer pelas barbas de rabo de boi, só gemia, a aiar-se, dolorido:

—Ai que me mata este judeu!

Mas o irado «S. Pedro» queria lá saber! O marmeiro em sarilho—zumba, que zumba!—foi o fim do mundo com pancadaria! As coitadas com os quartos tra-seiros amolgados, bem gritavam:

—Aqui del-rei—acudam, que tornam a matar o Senhor!

E forcejavam por levantar o salafário do sacrista, mas elas pouco melhor estariam, porque o marmeiro não parava de zunir—zumba!... que zumba! Aquelle «S. Pedro» dava seguras provas de ser exímio puxador do pau!

Ficaram para ali amodorrados uns sobre os outros, a aiarem-se. O «S. Pedro» desaparecera; da mesa da cozinha se esgueirou a gorda pedrês assada, e o rotundo chourição...

Por sua vez o galdino sacristão, como pôde, seguiu o exemplo do «S. Pedro», da galinha e do salpicão: piscou-se!

As duas comadres, a apalparem os rins, olharam-se:

—Comadre? Cadulo o Senhor? Ressuscitou?

Pois foi! E subiu ao céu... antes do terceiro dia...

A Zefa, consoante as suas forças, soergueu-se, e a gemer, e a apalpar as banhas, que se lhe afiguravam almondegadas, lá se arrastou até casa. Que havia de dizer ao seu homem? Contar tudo, tintim por tintim? Ele sempre o viria a saber, mais dia, menos dia!

Foi encontrá-lo, à lareira, a arrotar, enfartulado de galinha e chourição, tão bem disposto e gracejador, como nunca o tinha visto. Até estranhou: calculava trabuzana e ralhadelas e afinal era aquilo, que se via... Como o seu homem a amagiava e estava caricioso! Até era de desconfiar... Resolveu contar tudo.

E a terminar:

—Ai, home! Como o S. Pedro estava irado! Batia a torto e a direito sem respeitar ninguém... Sim senhor: grande puxador de pau! Nem tu o aparelhas no jogo do sarilho cruzado! Mas que zangado! Aquilo, a meu ver, como ele é o porteiro do céu—lá foi por o Senhor ter saído, sem lhe pedir licença...

Manuel de Boaventura

Notariado Português

Cartório Notarial do Concelho de Esposende

Vitor Manuel Leite da Mota, Notário do Cartório Notarial de Esposende:

CERTIFICO, narrativamente e para fins de publicação que, por escritura de 25 de Fevereiro de 1980, lavrada de fls. 84 a fls. 85 v.º, do livro de «ESCRITURAS DIVERSAS» n.º C-18, deste Cartório, ANTONIO LIMA DE ALMEIDA, casado com Maria Natália da Silva Merelho Lima de Almeida, natural da freguesia de Belinho, deste concelho, e nela residente no lugar de Sanfins e LUIS JOSÉ FERREIRA ALECRIM, casado com Maria do Sameiro Gonçalves Torres Alecrim, natural da freguesia de Santo Ildefonso, da cidade e concelho do Porto, e residente no lugar do Outeiro, daquela freguesia de Belinho, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual será regulada pelas disposições constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO: - A sociedade adopta a firma «LIMA & ALECRIM, LIMITADA», vai ter a sua sede no lugar do Outeiro, na freguesia de Belinho, do concelho de Esposende, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de um de Abril de mil novecentos e oitenta;

SEGUNDO: - O objecto social é o exercício da actividade comercial de agências, comissões, consignações e representações, podendo, no entanto, dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios deliberem e não seja proibido por lei;

TERCEIRO: - O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de duzentos mil escudos, e corresponde à soma de duas quotas, cada uma de cem mil escudos e pertencendo cada uma delas a cada um dos sócios;

QUARTO: - As cessões de quotas, total ou parcialmente, são livres entre os sócios; mas, a favor de estranhos, dependem do consentimento dos sócios não cedentes;

QUINTO: - A gerência da sociedade, dispensada de caução, e remunerada ou não conforme for deliberado em Assembleia Geral, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sendo necessária a intervenção de ambos para obrigar a sociedade; no entanto, nos actos de simples e mero expediente, basta a intervenção de um só dos sócios gerentes;

SEXTO: - Desde já fica convencionalmente amortização de quotas nos seguintes casos:

- a) - havendo acordo dos respectivos titulares;
- b) - quando, por divórcio ou separação de pessoas e bens, ou só de bens, a quota não fique a pertencer exclusivamente ao sócio titular;
- c) - no caso de penhora, arresto, arrolamento ou arrematação a que o respectivo titular não tenha deduzido oposição ou, deduzindo-a, esta seja julgada improcedente;

d) - no caso de falência ou insolvência de qualquer dos sócios;

e) - no caso de exclusão do sócio;

SÉTIMO: - Por falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sobreviventes e capazes e herdeiros do falecido e representantes do incapaz, devendo aqueles herdeiros nomear um de entre eles que a todos represente na sociedade; e

PARAGRAFO ÚNICO: - Se os herdeiros desejarem afastar-se da sociedade, avisarão esta por carta registada com aviso de recepção, dirigida à gerência, no prazo de noventa dias a partir da morte, sendo o valor da quota do sócio falecido amortizado pelo valor que resultar da média dos três últimos balanços, ou do último se o primeiro critério não for possível, e o seu pagamento será feito em oito prestações iguais e trimestrais, vencendo-se a primeira sessenta dias após a comunicação feita pelos herdeiros;

OITAVO: - Quando a lei não exigir outros prazos e formalidades especiais, as convocações das Assembleias Gerais serão feitas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

É certidão narrativa que extrai e vai conforme ao original, no qual nada há em contrário ou além do que se narra e transcreve.

Esposende, vinte e seis de Fevereiro de mil novecentos e oitenta.

O Notário,

(Vitor Manuel Leite da Mota)

Câmara Municipal de Esposende

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO

Concurso para provimento de um lugar de Escriurário-Dactilógrafo

Para os devidos efeitos se torna público que, o Conselho de Administração destes Serviços Municipalizados em sua reunião de 18 do corrente, considerando o disposto no n.º 2 do art.º 17.º do Decreto-Lei n.º 466/79, de 7 de Dezembro e a informação prestada pelo Gabinete de Apoio às Autarquias Locais, deliberou anular o concurso para provimento de um lugar de escriturário-dactilógrafo, aberto por aviso publicado no «Diário da República» n.º 202-III Série de 1 de Setembro de 1979.

Esposende e Secretaria dos Serviços Municipalizados, 19 de Março de 1980.

O Presidente do Conselho de Administração,

a) - Alexandre Domingos Lusa Faria (Eng.º)

Noticiário do Concelho

De Antas

DESPORTO

No dia 20 de Abril realizou-se a um corta mato nesta freguesia promovido pelo sector de desporto da JAEOCA, em colaboração com a JUM (Juventude Unida de Marinhãs) e com a ajuda técnica da DGD de Braga.

RING GIMNODESPORTIVO

A bancada do Ring Gimnodesportivo encontra-se praticamente pronta. Faltam apenas uns pequenos acabamentos para que naquele se possam realizar as diversas modalidades desportivas.

AUTARQUIAS LOCAIS

No dia 15 de Fevereiro o Presidente da Junta apresentou à A. F. o programa de actividades daquela, que foi aprovado:

-Alargamento da iluminação pública.

-Reforço da corrente eléctrica.

-Resolução do «caso» das escolas de Azevedo e Guilheta.

-Construção dos caminhos municipais que faziam parte do programa eleitoral da lista vencedora.

-Regularizar a situação do campo de futebol.-C.



De Fão

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

Mais uma vez a Assembleia de Freguesia reuniu, como se torna usual em autarquias, no início do ano civil.

Desta vez, este órgão debruçou-se sobre o Orçamento para este ano apresentado pela Junta de Freguesia.

O assunto surgiu polémico, no referente sobretudo a despesas com o pessoal do Infantário.

Nessa alínea vai ser feita a respectiva modificação de conformidade com a lei.

M. P. C. C. COMEMOROU 5.º ANIVERSÁRIO

O M. P. C. C. comemorou o seu 5.º aniversário. O programa comemorativo inscreveu actividades desportivas (atletismo e futebol), recreativas (prova infantil de ginca pedestre, noite de fados e tarde dançante).

5 anos de actividade em prol da juventude desta Vila, o M. P. C. C. grangeia o apoio de todos os fagueiros que reconhecem o valor das iniciativas juvenis para o desenvolvimento local.

RUA S. JOÃO DE DEUS

A placa «Rua Artur Sobral» colocada no início da Rua S. João de Deus pela 3.ª vez, desapareceu de novo por iniciativa de alguns moradores daquela artéria.

O nome dessa placa surgiu por proposta da Junta anterior que a Assembleia de Freguesia aprovou, tendo posteriormente revogado tal deliberação por interferência de um abaixo-assinado dos moradores e por não cumprimento por parte do executivo de alguns quesitos.

E assim a Junta de Freguesia não considerou tal revogação, colocando e recolocando tal placa.

Já neste executivo uma placa em ferro foi lá colocada, tendo agora os moradores satisfeito um direito que eles consideram, de

ver a sua Rua chamar-se sempre de «S. João de Deus».

25 DE ABRIL VAI SER COMEMORADO

Por iniciativa da Comissão de Trabalhadores do Hotel Ofir o «25 de Abril» vai ser comemorado no concelho com a participação de vários grupos juvenis das freguesias.

RUA DOS LIRIOS

Aproxima-se a época balnear e como tal o período para prática de campismo.

O Parque de Campismo de Fão vê mais uma vez os seus acessos não obterem melhoramentos embora já há muito haja a promessa do calcetamento da rua principal.

Bom seria que se fizessem já as estruturas de saneamento que iria beneficiar este Parque,

APANHA DA LAMPREIA:

Mais uma vez a «estacada» surgiu no Cávado a Nascente da Ponte, para a apanha do famoso ciclóstomo.

Com vários «grupos» na labuta a apanha tem variado entre a dezena e a centena por noite.

O seu preço tem variado entre os 500\$00 e os 700\$00 neste mês.

MÁRIO FERREIRA BELO

O Fado tem nesta Vila profundas raízes assim como o teatro revisteiro.

Em que recanto de Fão fosse, que o Fado fizesse figura, lá estava a guitarra incomparável de Mário Ferreira Belo. Várias décadas se fizeram já em Fão em que esta figura como outras já homenageadas, deram todo o seu esforço e arte, proporcionando a fagueiros e visitantes o nível e a variedade artística que caracteriza esta Vila. A iniciativa coube ao M. P. C. C. que ofereceu ao homenageado, em atitude simples, uma lembrança bem significativa do seu valor.

FESTAS DO BOM BESUS

A partir do dia 7 e até 13 decorrem as tradicionais festas, ao Senhor Bom Jesus, muito devoto da gente fagueira.

O programa, como sempre, é variado e atrairá muitos forasteiros à Vila.-C.



De Forjães

MONOGRAFIA (continuação)

Com o nome de Forjães, há um lugar na freguesia de Lamelas, do concelho de Santo Tirso, e outro na freguesia de S. João de Fontoura, do concelho de Resende.

A medieva-Vila Foiani-devia ter sido no lugar de Aldeia. Certo há ainda hoje os sítios-Fim de Vila e Cimo de Vila-e, naquele lugar, esteve primitivamente a igreja paroquial desta freguesia, onde, ainda existe uma cruz de pedra. Talvez pelo seu estado de ruínas, foi mudada no século VXIII para o local onde se encontra actualmente.

ARVORES DE S. ROQUE

Foram vendidas mais duas por estarem secas. É fácil e rendoso fazer isso. Mas quem se lembra de colocar outras novas nos mesmos sítios? É uma justiça. Há 40 anos a esta parte, só 2 preside-

tes de Junta, mandaram plantar árvores em S. Roque: os senhores professor Mário Vilaverde e Manuel Augusto. Os outros, esqueceram-se.

Agora que temos uma Assembleia de Freguesia dinâmica e interessada pelas coisas da terra, confiamos plenamente nesses homens.

FEIRA DE S. ROQUE

É também à Assembleia de Freguesia que compete este delicado assunto.

Basta esses homens debruçarem-se com carinho no problema da feira, e ela ressurgirá. Ela é das mais antigas do país. Há um documento do ano de 1400 que se refere à Feira de S. Roque.

O povo desta região vai colaborar com vontade, pois a todos beneficia.

CICLO PREPARATÓRIO

Tem andado a passos de lesma. Já há três anos que se começou a trabalhar, e afinal que se vê?!

Será mais uma obra de S.ta Eugénia? Ou não há cabedal? -C.



De Mar

FALECIMENTO

Faleceu no Brasil o Sr. António Eugénio de Abreu, natural de Mar, e há muitos anos radicado naquele país de expressão portuguesa. Apesar de ausente do solo pátrio, nunca esqueceu os seus conterrâneos a quem presentava através das pessoas que viajavam entre Brasil e Portugal. Gozava o António Eugénio de grande simpatia em toda a população de Mar.

O extinto era tio do Sr. Presidente da Junta, António Fernando de Abreu Cepa.

JUNTA DE FREGUESIA

Está a funcionar em instalações alugadas a sede da Junta de Freguesia, no rés do chão da casa da Sr.ª D. Beatriz do Canário, no centro da freguesia e junto à estrada nacional 13.

A população recebeu com grande manifestação de alegria a notícia de que brevemente os serviços burocráticos da Junta funcionariam em instalações apropriadas e verificou-se no primeiro dia de abertura das novas instalações um afluxo bastante grande de pessoas que pretendiam unicamente tomar conhecimento da nova realidade.

Os serviços de secretaria da Junta de Freguesia funcionam para efeitos de passagem de atestados, às terças e sextas-feiras, das 20 às 20,30 horas.

FUTEBOL

Em jogo realizado no passado dia 16, a equipa senior da Juventude de Mar defrontou, em Palmeira, a equipa local, sendo o resultado final um empate a 2-2.

MÚSICA

O sector musical da Juventude de Mar, no sentido de melhorar o equipamento do conjunto, adquiriu uma viola eléctrica (baixo) que em muito veio melhorar a qualidade musical do conjunto JOTA-EME.

O conjunto já se encontra apto para actuações em festivais, festas, arraiais e bailes.-C.

O POVO e MANUEL DE BOAVENTURA

III **Duas comadres coscuvilheiras, um «senhor» sacristão e um «S. Pedro» pauleador...**

HAVIA, lá p'ra serra, na aldeia de Pauvém, duas comadres, tão amigas como unha com carne, que andavam sempre aos segredinhos, e o que uma não sabia, à certa que o saberia a outra. Uma era solteira, santanária, sempre metida pela igreja: a Maria Cacarelha; a outra era casada e pouco devota, graças ao marido ser dos «da manga larga», e troçar do beatério: a Zefa Caipau.

Uma vez por outra, a Cacarelha arrastava até a igreja a amiga das coscuvilheiras, mas isso era raro. E saltavam as razões:

—Ai menina! O meu home dá por paus e pedras: diz que as mulheres tem muito que lidar em casa, e que quem quer ser beata, não se casa.

—Ó comadre! Que alma perdida! O teu home é um maçónico, que ao inferno vai parar... Salva-te tu, comadrinha!... Nos teus avagares vai a casa do Senhor...

A não ser este «senão», que

era bagatela, as duas entendiam-se muito bem, a discutir a vida alheia.

Ora a comadre Cacarelha foi um dia à igreja, que encontrou deserta; e como se viu sôzinha pôs-se a rezar em voz alta, na esperança de que seria ouvida na corte do céu. Dada por finda a sua reza, fitou com doçura o Santo Cristo dos Milagres, para fazer uma queixa, que era uma censura:

—Ó meu bom Senhor! Tantas vezes procuro a vossa santa casa, e vós nunca me vindes visitar!

Como estava só, ou julgava estar, ergueu um tanto a voz, ao increpar a imagem.

Mas o sacristão—um gandula téro léro e gracejador, estava por de trás do altar-mor, a arrumar tocheiros e trastes velhos, ao mesmo tempo que ia olhando a beata coscuvilheira. Como era agorotado lembrou-se de lhe pregar uma partida, e disse de lá, numa voz açucarada, que parecia do céu, de tão doce que era:

—Oh! devota Maria! Aceito o convite: irei à noite fazer-te uma visita...

A Cacarelha, a pular de contentamento, só parou à porta da comadre, a dar a novidade e pedir conselho:

—Comadrinha! Estou na graça de Deus! Recebo hoje à noite a visita do Senhor!

—Que dizes, mulher? Não estás boa do tóuço:

—Sério, sérinho! Prometeu vir, e o Senhor é de palavra—não falta! Quero que venhas lá para o ver e pedir-lhe que converta o teu home. Também lhe vou pedir que mande o saracoco do sacristão roçar teiroga... O Senhor me perdoe, mas não posso ver na igreja aquele patarino!

—Ó comadre! que honra para ti e para mim, vermos o Senhor em pessoa, como quando andava pelo mundo! Mas... olha lá: uma visita dessas, não pode ser a seco!

(continua na 2.ª página)

Registo de Notas

OS ESTALEIROS NAVAIS DE ESPOSENDE

—Breve Evocação Histórica

Pelo DR. SOBRAL TORRES

Naquele radioso domingo, 5 de Agosto de 1917, cerca de seis mil pessoas apinhavam-se no terreiro da doca para presenciarem o «bota-à-água» do elegante lugre *ELMANO*, fazendo horas e entretendo a sua paciência em animadas conversas ou petiscando nas tendas de comes e bebes ali armadas. «Mais de 50 carros e automóveis estiveram nesse dia nesta Vila», motivando um esforçado serviço de policiamento da «Ribeira», feito pela G. N. R. e pelos Bombeiros Voluntários.

Finalmente, pelas dezassete horas e no auge da praia-mar ou maré-cheia, chegou o grande momento do bota-abixo: dado o golpe solene, por uma distinta senhora da Família Troviscal (do Porto) e perante o silêncio geral de emocionante expectativa «o *Elmano* deslizou sereno e grave (com os seus 200 pés bem medidos de popa à proa), como um grande senhor que fosse a visitar os seus domínios». Porém, antes de ultrapassar o cais, de repente, «parou na carreira, devido a uma âncora de ferro ter pegado numa pedra»; incidente este sem importância, mas que adiou o lançamento para o sábado seguinte, pelas quatro e meia da tarde, de novo entre o estralejar de foguetes e no meio do entusiasmo da multidão que voltou a acorrer ao local.

As autoridades, armadores, convidados e amigos de José Costa Terra «foi depois oferecido um magnífico e abundante copo d'água, que reuniu cerca de sessenta pessoas».

Uma semana depois, o novo barco seguia para o rio Douro (rebocado pelo vapor *Ligeiro*), onde foi visitado por «técnicos e pessoas de alta categoria, tecendo todas muitas elogios à bela construção do *Elmano*», graças à competência de Domingos C. Ferreira e de seu filho Francisco—mais tarde, o popular e conceituado construtor naval «Xico Ferreira». Por sua vez, o banqueiro portuense Pinto da Fonseca, proprietário daquele lugre, enviou ao seu dinâmico colaborador J. Costa Terra «um telegrama pedindo-lhe para agradecer ao povo de Esposende o interesse pelo lançamento do *Elmano* e a fidalga recepção que dispensou à sua família e demais comitiva».

Meses depois, o *Elmano* foi vendido a uma importante firma igreja (tomando o nome de «Gartmano»), destinando-se a fazer carreiras para a América do Norte, dada a robustez e segurança da sua construção.

Estava-se, então, em plena I Guerra Mundial, com o Atlântico infestado de submarinos alemães.

O êxito e o prestígio justa e prontamente alcançados pelos nossos remoados estaleiros, estusiasmou os armadores do Norte do País e alguns esposendenses mais abastados ou bairristas. Assim, logo no seguinte mês de Setembro, Domingos Ferreira & Filho era encarregado de levantar nova «quilha» para um navio de grande porte—«maior que todos os anteriores»—agora, por encomenda dos Banqueiros Borges & Irmão, do Porto. Ao mesmo tempo, constituía-se a «*Empresa de Navegação de Esposende*», também «no interesse de desenvolver rapidamente os novos estaleiros navais e fomentar a riqueza do Concelho», começando pela construção de um grande navio (ainda maior do que o anterior, em construção...), com mais de 213 palmos de comprimento total e com uma tonelagem de arqueamento superior a 1 300 toneladas (ou seja, aproximadamente 1 000 toneladas de lotação), destinado a viagens de longo curso e próprio para a pesca do bacalhau nos mares da Terra Nova. Ainda em quilha, foi sintomaticamente baptizado com o nome de *Esposende 1.º*, propondo-se aquela Empresa dar idêntica designação a todos os veleiros daquele tipo que mandasse construir, seguindo a ordem respectiva (tendo chegado a construir-se o *Esposende 3.º*, já em fase difícil da vida da Empresa, a caminho da extinção por meados da década de vinte!).

Pela mesma altura (nesse mês de Setembro) era apresentado e aprovado no Parlamento um projecto de lei, da autoria do Comandante Leote do Rego, de mobilização geral de todos os estaleiros do Continente e do respectivo pessoal, a fim de assegurar o seu regular funcionamento, que vinha sendo notável e próspero, mas posto em risco por poderosos estaleiros estrangeiros, que procuravam atrair crescentemente os nossos melhores construtores e operários navais. (Esta salutar e decidida medida teria sido «inspirada por um devotado amigo da Vila d'Esposende» (sic) que até agora não conseguimos identificar).

Desta forma, a construção do *Esposende 1.º* pode decorrer em bom ritmo e com apurada técnica, estando concluída em menos de um ano!

Por falta de espaço, concluiremos no próximo número esta breve evocação histórica.

S. T.

IDEIAS & FACTOS...

PROTECÇÕES NATURAIS: QUEM ACODE AO SEU DESTROÇO?

Com este artigo é minha intenção não fazer um estudo fenomenológico sobre ecologia com seus problemas e soluções; pretendo unicamente chamar a atenção da população em geral, do poder local e da capitania de Esposende em especial, não esquecendo o próprio governo central para um problema que aflige as populações costeiras que fazem parte do nosso concelho.

É intenção deste artigo ser um «alerta», ser «um grito», ser um resumo, uma tomada de posição pública!

Todos nós sabemos (quem não sabe que vá perguntar aos lavradores dessas localidades) dos prejuízos causados pelo *destroço* das zonas naturais de protecção. Chamo-lhe *destroço* porque não me é permitido ser mais benévolo.

É um *crime*—cometido quer pelo poder local, quer pela capitania ou por quem superiormente autoriza as licenças para tal—contra todo um povo, darem cabo dos areais que levaram tantos e tantos séculos a formarem-se!

E quanto a prejuízos? Basta analisar, com visão pena e fria, o que se passa na freguesia de Mar: a areia tirou-se e não foi

apenas a praia a sofrer as consequências (convém recordar que é das praias do Norte que possui mais iodo, e até por este factor devia ser tido em conta); as casas típicas, enquanto construções originais e património cultural popular estão em ruínas, quando devia haver da parte da própria Câmara a preocupação de velar pela sua preservação! Os campos são assaltados pelas águas salgadas do Oceano! As colheitas morrem... o prejuízo é o povo que o sofre!

Sem protecção, nem casas, nem campos estão em segurança!

Mas, o mais incrível e nefasto é que, o sono profundo em que vivem as autoridades só terminará quando um golpe forte ferir o seu «inconsciente». E então surgirão as «falsas soluções».

Se a extracção de areia continuar no concelho—o que constitui um *crime* segundo a minha opinião—ver-se-á, daqui a uns anos, toneladas e toneladas de granito tentar ocupar o vazio deixado pela dita extracção! E apesar de tentarem através deste método uma solução ela não passa de pura tentativa. Assim sendo, qual o lugar da beleza natural?

Que gosto terá ir para uma praia onde «a beleza forçada» predomina?

É preciso e urgente pôr cõbro a tal situação. Se as próprias Juntas de Freguesia se impusessem talvez este problema fosse solucionado... mas também não esqueço que por detrás da extracção de areia há quem coma e engorde! Contudo, penso que há maneiras de comer e engordar sem pôr em perigo a vida e haveres de milhares de trabalhadores rurais.

Pode-se apelar para a sua utilidade e necessidade fundamental na construção civil, etc., etc. (Apesar de tudo é nojento para mim, que em Mar, por exemplo, tivessem tirado tanta areia ao ponto de hoje não deixarem os lavradores tirarem uns tractores dela para renovarem os seus terrenos!).

Não nego a utilidade e necessidade da substância branca mas também penso que há muitas maneiras de a obter. Não é matando todas as pessoas que se contribui para o seu aumento!

Para mim a necessidade de areia para qualquer fim, não pode constituir argumento válido, profundo e convincente para a dita extracção!

O ser humano não tem o direito de contribuir para a degradação da natureza... sobretudo, quando põe milhares e milhares de pessoas em risco de vida!

Queremos uma solução! É urgente e imperioso acabar com a extracção de areia no nosso concelho.

Dr. Manuel A. Sampalo Azevedo

JORNAL DE ESPOSENDE

Redacção - Admin.: Rua Conde de Castro, 3-1.º E — 4740 ESPOSENDE

